



O Lugar do Outro na Narrativa Jornalística¹

Moema Guedes URQUIZA²

Mestre em Educação. Mestranda em Comunicação (UFMS)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

Resumo

Como autor/artesão de narrativas, o jornalista narra ações humanas que entrarão para a história. No relato que tecem, esses profissionais muitas vezes são levados pela pauta ao encontro do Outro — ciganos, indígenas, homossexuais, mulheres e homens do campo e da floresta, moradores de rua, negros e tantos outros. Nesse encontro, as narrativas jornalísticas podem ser compreendidas como espaço de fronteira, onde se negociam informações, valores, visões de mundo, saberes, num processo ambivalente e atravessado por relações de poder. Nesse ambiente fronteiro, muitos Outros são representados pela imprensa diariamente: aqueles que não se “encaixam” no padrão de “normalidade ocidental”. Que lugar este Outro ocupa nas narrativas jornalísticas? O jornalismo, enquanto fenômeno cultural atravessado por diferentes interesses e variáveis, pode limitar-se a narrar a mesmidade ou encontrar brechas/alternativas para propor uma narrativa que considere o Outro em sua diferença.

Palavras-chave: jornalismo; identidade; diferença.

Olhar da mesmidade

Quem são esses estranhos que chegam de outro mundo e trazem consigo outra forma de organização social e outra lógica econômica? Trazem outra língua e outros modelos de desenvolvimento? Outra manifestação sexual? Quem são esses que ousam ocupar outros espaços, os nossos espaços; que apresentam outras soluções, outros remédios, outras crenças e saberes? E que saberes? Essas talvez sejam algumas das muitas perguntas que a mesmidade elabora cotidianamente ao se deparar com a diferença³. Por mesmidade, na perspectiva de Skliar (2003), compreendemos o modelo do mesmo, a referência, a lente por meio da qual o sujeito enxerga o mundo e o Outro: buscando enquadrar o Outro em sua semelhança e expulsando o diferente. Na mesmidade, a igualdade é compreendida como o retorno ao mesmo (colonizador) e, portanto, o oposto à ideia da diferença. Nas

¹ Trabalho apresentado no Grupo Temático **História do Jornalismo**, no 3º Encontro Centro-Oeste da Rede Alcar de História da Mídia, UFMS, Campo Grande, 23 e 24 de junho de 2016.

² Jornalista, graduada pela UFMS. Mestre em Educação (UCDB). É mestranda em Comunicação – Curso de Mestrado em Comunicação da UFMS. Email: moema.urquiza@gmail.com.

³ A diferença, como compreendida por Stuart Hall, construída a partir da relação com a identidade. Nas palavras do autor: “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta (...)” que a identidade pode ser construída.



palavras de Skliar: “(...) a mesmidade não deseja Outros espelhos a não ser os próprios. (...) A mesmidade quebra os espelhos que não lhe são próprios” (SKLIAR, 2003, p. 170).

Que lugar ocupam, por exemplo, os indígenas, os negros, os povos do campo e da floresta, os ciganos, as pessoas LGBT, os moradores de rua e tantos Outros⁴ nas narrativas jornalísticas? Como ficam registrados na história que é tecida pelas mãos do jornalista-autor? Distantes daquilo que é considerado “normal” ou “modelo padrão” na cultura ocidental, a construção da representação desses sujeitos nas narrativas jornalísticas não se distanciam muito do que a sociedade em geral pensa a respeito desses Outros. De alguma forma, como bem afirma Alberto Dines (2009, p. 73), “jornalista e leitor (...) fazem parte de um mesmo bolo social; são, em última análise, a mesma coisa”. Para o autor, a imprensa “é o reflexo e segmento da própria sociedade a que serve”. (DINES, 2009, p. 73). Basta visitar os sites de alguns veículos de comunicação, nacionais e regionais, para identificar alguns dos lugares ocupados pelo Outro em matérias jornalísticas:

Paulistanos montam loja grátis com roupas usadas para moradores de rua. Folha Online 05/07/2015.

'Polícia não pode ser babá de moradores de rua', diz secretário do RJ. Folha Online 12/05/2015.

Sem-teto retirados do prédio de Eike invadem edifício de governo no Rio. Folha Online 24/04/2015.

Quando ser índio é um bom negócio. Veja Online 10/08/2012.

Quilombolas ocupam prédio do Incra no RS. Veja Online 05/10/2011.

⁴ Para me referir à diferença, ao sujeito subalternizado, utilizarei a palavra “Outro”, com “O” maiúsculo, como utilizado por Bhabha (1998) e por Hall (2000) para nominar a alteridade.



PF tenta conter risco de conflito em área quilombola.
Veja Online 16/02/2012.

Depois de conflito com fazendeiros, indígenas deixam propriedade.
Correio do Estado Online 25/06/2015.

Justiça afirma ser “impossível” diminuir crimes contra indígenas.
Correio do Estado 01/06/2015.

GTRAN retira ciganos acampados em ginásio.
Correio do Estado 19/03/2013.

Rixa entre ciganos acaba em tiros na MS-386.
Correio do Estado 15/03/2011.

Cigana aplica golpe de R\$ 150 em mulher de 61 anos e é presa.
Correio do Estado 29/04/2015.

PF flagra desmatamento ilegal praticado por índios e quilombolas.
Campo Grande News 02/07/2015.

Grupo de sem-terra bloqueia duas rodovias no 8º dia de protesto.
Campo Grande News 08/05/2015.

Em protesto contra PEC, estudantes índios bloqueiam acesso à
universidade.
Campo Grande News 29/04/2015.

Pelos títulos das matérias, o Outro tem sido, ao longo da história, alguém que incomoda, desorganiza, desestabiliza, causa problemas para o que já está posto, consolidado e considerado como normal pela sociedade. Para a mesmidade, são sujeitos imprevisíveis, que subvertem as lógicas – da economia, da política, do direito, da moral, do lícito. E por ousarem subverter, acabam sendo considerados perigosos, como afirmam Duschatzky e Skliar (2011).

O caráter imprevisível da alteridade transforma o indizível em perigoso. Assim, as diferenças culturais costumam ser mais bem explicadas em termos de traços fixos, estáticos, essenciais e essencializados, considerados como constitutivos da natureza humana. (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2011, p. 123)



A narrativa jornalística veiculada pela imprensa pode ser compreendida como espaço de fronteira⁵, onde se negociam permanentemente valores, relações de força e poder, visibilidade/invisibilidade. Tal negociação se dá no terreno da cultura, aqui compreendida como todo fazer/pensar humano, enquanto processo dinâmico e em permanente transformação. O jornalista, entretanto parece muitas vezes não enxergar outras perspectivas. Seja pela urgência em concluir as pautas para o fechamento da edição, ou por estar envolto por “pré-conceitos”, concepções pré-existentes e modelos a serem seguidos para não fugir do “padrão de produção”, o jornalista pode narrar apenas a mesmidade, sem considerar a alteridade, a diferença. Também a “competência técnica contemporânea tem sido destacada pelo ângulo do domínio de tecnologias de ponta. Ocorre então um descuido da responsabilidade ética que se alimenta da intuição afetiva” (MEDINA, 2006, p. 25).

Ao lembrar um episódio veiculado na mídia, o Professor e Rezador Terena⁶ ressalta um discurso onde o indígena é representado como “selvagem”, “irracional” e, portanto, “violento por natureza”. O Professor também evidencia que, em tantos outros momentos, o indígena é apresentado como um sujeito “manso”, que não “resiste”, que não “reage”, numa representação romântica da pessoa indígena. A ambivalência⁷ dessa representação é descrita pelo Professor e Rezador Terena:

Eu lembro de uma notícia recente que um índio foi assassinado por uma moça, também indígena, que teria sido ajudada pela sobrinha (uma coisa assim). E aí, lá no final da reportagem, o apresentador fez o seguinte comentário: “é natural, porque todos os índios são selvagens”. Foi na rede de televisão local, aqui de Campo Grande. Ele

⁵ Para Bhabha, mais do que o limite ou término, “a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente” (1998, p. 26) e é nesse sentido que a palavra “fronteira” é utilizada neste artigo.

⁶ Os depoimentos de professores indígenas presentes neste artigo são recortes das entrevistas realizadas por ocasião da pesquisa de mestrado em educação. As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2012, originalmente com seis professores indígenas. Os indígenas residem em Mato Grosso do Sul e convivem, com certa frequência, com situações de violação de direitos dos povos indígenas. São das etnias Terena, Kaiowá, Guarani Nandeva e Kadiwéu. Para este artigo, utilizei alguns trechos das entrevistas de três professores indígenas, cujos nomes permanecem em sigilo.

⁷ Ambivalência como compreende Bhabha (1998): o discurso do colonialismo fala com uma linguagem que é bipartida, e não falsa (p. 129). Um discurso construído em torno de uma ambivalência que, para ser eficaz, “deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença” (p. 130). O sujeito do discurso colonial é um sujeito ambivalente: olha em duas direções sem ter duas faces (p. 144).



fez esse comentário. [...] Que se mexer com um indígena é **natural esperar que esse ato selvagem renasça**, ressurja de dentro do indígena. Fiquei ouvindo aquilo, com indignação. Mas às vezes eu acho assim que nós também não reagimos a esses comentários. Não fizemos nem um *e-mail*, nem nada... e em vários outros momentos já aconteceu isso, e nós não reagimos.

A mídia deixa de reportar os movimentos para a retomada das terras, os estudos realizados para que a terra seja considerada indígena. Ela divulga o quê? Justamente isso: essa pancadaria. Mas tem um outro lado na mídia: que é o lado muito romântico. Às vezes, **nós indígenas aparecemos na mídia de uma forma tão romântica... tão bonzinhos, pacíficos**. Resistimos a algumas situações, mas outras vezes não.

O que me assusta, [diante do que sai na imprensa] não é o que a notícia provoca dentro da comunidade indígena, **mas o que a notícia provoca fora das comunidades**. Sabe porque? Todas essas notícias, quando a gente ouve alguma coisa, nas comunidades, sempre se comenta: “você viu o que tão falando da gente?”. Mas fora da comunidade... (Professor e Rezador Terena. Grifo meu)

O próprio processo colonial contribuiu historicamente para a criação e o fortalecimento destas polaridades em relação à identidade dos indígenas – manso/violento – duas visões negativas do sujeito que são acessadas pelo colonizador, conforme sua conveniência, situação relativamente comum também nos textos jornalísticos. Bhabha nos lembra, entretanto, que

o que ameaça o controle colonial é a ambivalência de sua interpelação – pai e opressor ou, alternativamente, o regido e o rebaixado – que não se resolverá em um jogo dialético de poder, pois essas figuras duplamente inscritas olham em duas direções sem terem duas faces. (BHABHA, 1998, p. 144)

Utilizamos, desta forma, a definição do Outro que melhor nos convém, desde que possamos fortalecer nossa própria identidade a partir da diferença. É importante salientar que a identidade depende da diferença para existir. “É relacional; marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p.9). Sendo assim, o Outro precisa ser o selvagem para que a mesmidade seja civilizada. A demonização do Outro, seja na narrativa jornalística, seja nas relações cotidianas da sociedade, acaba por marcar a diferença de forma pejorativa. Afinal, se para definir o “eu” depende-se da definição do “outro”, essa



relação está atravessada necessariamente por disputas de poder – quem nomina e quem é nominado. Nas palavras de Duschatzky e Skliar (2011):

Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicância etc. e para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos. (...) O outro diferente funciona como o depositário de todos os males, como o portador das *falhas* sociais. Este tipo de pensamento supõe que a pobreza é do pobre; a violência, do violento; o problema de aprendizagem, do aluno; a deficiência, do deficiente; a exclusão, do *excluído*". (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2011, p. 124. Grifos dos autores)

Ocorre que, no contexto atual, as identidades estão cada vez mais descentradas e múltiplas, como ressalta Hall (2003). As identidades não são estáticas, estáveis, fixas; pelo contrário: estão desalojadas “de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem ‘flutuar livremente’”. (HALL, 2003, p. 75). Há, cada vez mais, novas elaborações e novos significados, não necessariamente desconsiderando o saber acumulado, mas imprimindo-lhe outras leituras, outras maneiras de estar no mundo.

Olhar do Outro: a cultura como viés do fazer jornalístico

A alteridade, para além das definições e marcas de sujeito impressas pela mesmidade, está em constante processo de ressignificação: suas identidades também não estão fixadas no tempo ou congeladas no passado. O Outro é capaz de apresentar sua visão, que passa por outras perspectivas, outras compreensões de mundo, outros saberes. Vejamos o que pensa a Professora Kaiowá quando questionada sobre a questão da saúde:

Saúde pro meu povo envolve muita coisa. Saúde é não apenas o corpo físico, mas também o espírito. É manter os rituais, desde o casamento, quando se escolhem as pessoas, desde a gravidez. Passar por todas as fases dos rituais, as fases que a gente passa. Meu avô sempre falava que não existia Kaiowá doente, até porque não existia criança deficiente, por isso. De acordo com os mais velhos, a criança deficiente vem por algum castigo. Deus *tá* castigando aquela família. Por alguma coisa, por alguma razão. Então, saúde, é aquilo que envolve o corpo, a alma, o espírito, tudo. Se a gente tiver saúde, tudo isso: a alma, o corpo o espírito tem que estar sãos. Agora, se tiver uma dessas coisas... A comunidade não indígena fala muito da saúde do



corpo e não compreende a doença espiritual. Muitas vezes pessoas que vão no hospital, tá com problema na cabeça, dá uma dipirona... toma aquilo, volta pra casa e não sara. Às vezes não consegue dormir, é insônia. As pessoas falam: “ah! É depressão”. Eu mesma, uma vez, com tantos problemas que eu tive, [...] acho que minha cabeça não estava no lugar, aí o médico falou pra mim: “a senhora está doente, está com depressão, tem que tomar esse calmante para dormir”. Eu falei: “eu não vou tomar, eu não tô doente. Só falta eu colocar [a cabeça no lugar]”. E muitas vezes o próprio remédio acaba fazendo mal pra gente. Por isso que eu falo que a saúde envolve muitas outras coisas: não é só o remedinho, não é só o corpo, envolve um monte de coisas. (Professora Kaiowá)

O depoimento da Professora Kaiowá traz uma compreensão bastante diferente daquela que os não indígenas entendem por saúde. A existência de outros saberes, outros conhecimentos e outras formas de compreender, por exemplo, a questão da saúde/doença, nem sempre é considerada como conhecimento válido. Quase sempre, aparecem numa situação de “desvantagem” ou são considerados como atraso em relação ao conhecimento ocidental ou ao saber científico/acadêmico.

A Professora Kaiowá olha a partir de dentro de sua cultura, e ao insistir que “saúde envolve muitas outras coisas e não só o remedinho, não só o corpo, envolve um monte de coisas”, demonstra que seu povo não apenas tem outras respostas para os problemas relacionados à saúde, como possui práticas de resistência às soluções ocidentais. Laraia (2009) conclui sobre os pensamentos mágico, religioso e científico: “ao invés de um contínuo [em evolução] magia, religião e ciência, temos de fato sistemas simultâneos e não-sucessivos na história da humanidade” (2009, p. 88). Aspectos culturais, porém, nem sempre é considerados na construção das narrativas jornalísticas. A escolha das fontes que serão ouvidas para legitimar a mesmidade e, ao mesmo tempo, deslegitimar a diferença é uma das estratégias para garantir uma narrativa que seja “coerente” e que faça sentido para o pensamento hegemônico.

Assim, ao narrar a realidade, o discurso jornalístico vai contribuindo para consolidar verdades, conceitos, estereótipos, numa construção textual que privilegia quase sempre o fato e despreza o contexto, desconsidera outros saberes, desvaloriza o caminho



percorrido até o acontecimento narrado. Nas palavras de Ijuim (2014), trata-se de “uma postura que privilegia o fato em detrimento da circunstância, valoriza as consequências e menos as causas, o espetáculo e menos as dores e os sofrimentos humanos”. São escolhas que distanciam o texto jornalístico das vivências humanas, “desumaniza as reportagens e (...) desqualifica grupos sociais”. (IJUIM, 2014, p. 13)

A modernidade construiu, neste sentido, várias estratégias de regulação e de controle da alteridade que, só em princípio, podem parecer sutis variações dentro de uma mesma narrativa. Entre elas a demonização do outro: sua transformação em sujeito *ausente*, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura; a delimitação e limitação de suas perturbações; sua invenção, para que dependa das traduções *oficiais*; sua permanente e perversa localização do lado externo e do lado interno dos discursos e práticas institucionais estabelecidas, vigiando permanentemente as fronteiras – isto é, a *ética* perversa da relação inclusão/exclusão –; sua oposição a totalidades de normalidade através de uma lógica binária; sua imersão e sujeição aos estereótipos; sua fabricação e sua utilização, para assegurar e garantir as identidades fixas, centradas, homogêneas, estáveis, etc. (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2011, p. 121. Grifos dos autores)

Neste contexto, o Outro precisaria aproximar-se da mesmidade para ser, minimamente, aceitável. É quando o colonizado passa a incorporar o sujeito colonizador; a diferença passa a buscar os traços da identidade:

A alteridade, para poder fazer parte da diversidade cultural *bem entendida e aceitável*, deve despir-se, des-racializar-se, des-sexualizar-se, despedir-se de suas marcas de identidade; deve, em outras palavras, ser como as demais. (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2011, p. 124. Grifos dos autores)

Muitos Outros, porém, tem ocupado um lugar e uma postura de resistência. O Professor Terena, também Rezador, expressa bem sua posição:

Me lembro agora de uma questão, da saúde, de os “xamãs” irem aos hospitais. A mídia mostrou muito isso. E alguns discursos trataram a gente como se isso não fosse nada... Eu sempre faço essa discussão quando estou em Aquidauana. Porque o pastor ou o padre podem ir [aos hospitais]? Mas as nossas rezas, as nossas crenças não têm



importância? Eu mesmo já fui barrado em hospital por causa disso.
(Professor e Rezador Terena)

Sua compreensão desmonta a lógica de que apenas algumas crenças são legítimas e válidas, ou que a cura é possível somente se respaldada pela ciência e pela medicina ocidentais. As comunidades indígenas também geram conhecimentos há milhares de anos, e buscam atravessar as barreiras físicas e simbólicas que se erguem diante delas, quando o que está em jogo é o direito de cuidar, de tratar de seus doentes, como disse o Professor Terena: “eu mesmo já fui barrado em hospital por causa disso”. Questionado sobre como ele acredita que a narrativa da imprensa poderia contribuir mais com a sociedade, o Professor acrescenta:

Penso que o que faz a diferença é a abordagem. Depende da abordagem da reportagem. Da forma como a reportagem sai, ela apresenta um cunho de preconceito. Mas se estes mesmos textos fossem desenvolvidos de uma outra forma, com um outro olhar, acho que a gente conseguiria fazer uma ponte entre essas duas situações [entre as realidades indígena e não indígena]. Eu percebo que os jornais do interior trazem uma situação diferente dos jornais da Capital e dos telejornais. O contexto é outro. A própria matéria, além de escrever mais e detalhar mais, descreve mais as situações. Enquanto nos jornais da Capital você não vê muito isso. Nos jornais do interior entram mais em detalhes. (Professor e Rezador Terena)

Para o Terena, chegar mais perto da realidade, compreendendo o jornalismo como fenômeno culturalmente determinado, contribui para a construção de um discurso que leve mais em conta a diferença, “desenvolvido de outra forma”. Boa parte dos textos jornalísticos que tratam da questão da saúde, construídos a partir do olhar da mesmidade, não consideram que os índios sejam capazes de superar ou contribuir para a superação de situações de doenças, como a desnutrição, por exemplo. Não há questionamentos mais profundos sobre como esses povos chegaram a essa situação de fragilidade humana. Ampliando um pouco mais o olhar, é recorrente que os textos jornalísticos não consideram a concepção de família para outras culturas, ou seja, as relações sociais dos diferentes povos indígenas e o que significa, por exemplo, “proteger” uma criança para cada etnia. A quem caberia tal proteção? À família? A



partir de que compreensão de família poderia ser construída a ideia de proteção? A realidade, como revela a Professora Guarani Nãndeva, mostra-se descentrada, hibridizada, onde também as identidades coletivas e as definições dos papéis sociais, estão sob rasura⁸:

Culturalmente, os povos indígenas viviam mesmo em grandes famílias, tanto é que, cada família extensa tinha o seu líder religioso, que era ele quem conduzia seu povo. Hoje, pelo menos na reserva que eu moro, já é muito complexo definir o que vem a ser família indígena. Primeiro porque existe uma miscigenação étnica, lá nós temos: Guarani Nãndeva, Guarani Kaiowá, o Povo Terena, paraguaio, negro, o branco mesmo.

Para os povos indígenas família é aquela família extensa, que envolve avô, filho, neto, bisneto... Quando acontece alguma coisa com a criança, por exemplo, é a família toda que é responsável, não é só o pai e a mãe. A educação da criança é responsabilidade de toda a família, da família extensa. Hoje, pelo menos na aldeia que eu moro, isso é muito diferente: existem mais, assim, famílias individuais, com esse conceito de que família hoje é pai, mãe e filhos. Mas ainda existem alguns grupos que se caracterizam como família extensa, principalmente a família dos rezadores – ñanderu, ñandesy⁹ – eles ainda mantêm essa inter-relação do grupo familiar – família grande – dentro desta concepção cultural do que vem ser família grande, família extensa. Mas tem muitas outras famílias que não vive mais esse conceito que é da cultura tradicional. (Professora Guarani Nãndeva)

Esta reflexão evidencia o quão complexa é a realidade em que vivemos e tão ou mais complexa a realidade em que vivem os povos indígenas desta região e do Brasil. Em que medida as notícias produzidas pela imprensa informam, problematizam e, ao mesmo tempo, indagam questões mais profundas sobre os indígenas e suas famílias? A representação da realidade construída pela imprensa tem contribuído para deixar que marcas na história? Quem são esses Outros tão diferentes de nós e como eles marcam sua diferença?

⁸ Hall (2000, p. 104) afirma que alguns conceitos estão “sob rasura”: “o sinal de ‘rasura’ (X) indica que eles não servem mais – não são mais ‘bons para pensar’ – em sua forma original, não-reconstruída. Mas uma vez que eles não foram dialeticamente superados e que não existem outros conceitos, inteiramente diferentes, que possam substituí-los, não existe nada a fazer senão continuar a pensar com eles – embora agora em suas formas destotalizadas e desconstruídas, não se trabalhando mais no paradigma no qual eles foram originalmente gerados”.

⁹ Nome Guarani atribuído aos rezadores e líderes religiosos da aldeia.



Brechas e fissuras

Tendo o jornalismo a responsabilidade social de tornar público assuntos de interesse social, urge olhar com cuidado para tantos Outros que compõem nossa sociedade, para suas histórias e seus acúmulos, não mais com um olhar “colonizador”, mas colocando a pessoa humana – e, neste caso, aquele que ocupa o lugar do Outro – no centro da questão. A conduta de resistência ao que está posto como correto e hegemônico também deveria permear o fazer jornalístico, encontrando brechas e fissuras por onde a diferença possa se fazer presente, não para adequar-se e “fazer sentido” para a mesmidade, mas sim para ampliar a ciranda de sentidos, onde o Outro possa ser nominado em sua diferença.

Ao produzir sentidos – e é isso que o jornalista faz – ele pode estar falando de certa cultura, com os protagonistas culturais localizados. Não se esgota aí sua atuação como mediador-autor, já que os significados das coisas estão sempre numa geopolítica de conflitos e o diálogo com os diferentes não pode ser simplesmente descartado ou desqualificado. Como articulador de discursos multiculturais, a autoria se faz necessária junto à mediação. (MEDINA, 2006, p. 21)

Assim, como produtor de sentidos, o jornalista deve considerar que o ambiente cultural é, na atualidade, marcado de maneira indiscutível pelas tecnologias da informação e pela força da cultura midiática na produção de significados, construção e ressignificação das identidades. Múltiplas vozes e múltiplos significados atravessam as realidades e é urgente abrir os olhos (e os ouvidos, e todos os sentidos!) para começar a desconstruir a colonialidade das narrativas jornalísticas. Semprini (1999) destaca que, “a linguagem nunca é neutra por definição e não pode deixar de exprimir relações de força, os valores e crenças de uma sociedade” (1999, p. 68-69). Em outro trecho, o mesmo autor nos recorda que os veículos de comunicação, “longe de ser simplesmente um espelho, tornaram-se um lugar onde se elaboram, se negociam e se difundem os discursos, os valores e as identidades” (SEMPRINI, 1999, p. 124).

A partir dessas identificações, grupos humanos possuem visões de mundo e interpretações diferentes em diversos âmbitos. Esses significados distintos, diferentes



para cada sujeito, coletivo ou individual, passam a ser negociados na relação com o Outro. Na cosmovisão do povo Guarani, a noção de proteção e direitos das crianças difere daquela que a cultura ocidental ratifica como verdadeira ou correta. O mesmo acontece com a concepção de vínculo mãe-filho, com a relação com a terra, com os conceitos de economia e sustentabilidade. Da mesma forma, outras compreensões de mundo, outras soluções econômicas, outras manifestações religiosas, outros conceitos de felicidade e qualidade de vida atravessam comunidades quilombolas, povos do campo e da floresta, pessoas homoafetivas, e tantos Outros.

O Outro não pode ser visto como uma ameaça porque é diferente. Ele apenas constrói sentidos e significados diferentes. Ao falar da compreensão que possui sobre a questão da terra e do trabalho, a Professora Kaiowá talvez choque nossa lógica desenvolvimentista, onde a produção e o acúmulo de bens e capital são prioridades e devem ser resultados de árduo trabalho, dedicação e uma boa dose de empreendedorismo:

Invasão de terra, por exemplo, não é invasão de terra. Eles só estão fazendo a retomada de suas terras. Às vezes as pessoas falam assim: ‘índio preguiçoso, só toma tereré¹⁰, não faz nada’. Mas na verdade não é índio preguiçoso, é o jeito dele ser. Não é porque ele tá tomando tereré, tá numa sombrinha, que é preguiçoso. “Não tem sua roça, não trabalha em roça”, muitas vezes a gente ouve falar. Mas ele tem lá sua rocinha na beira da sua casa, ele planta, mas não é aquela plantação que o não-índio gostaria de ver, enorme, terras... E aí ele fala assim: “índio não trabalha, só vive de cesta básica”, por exemplo. Não é verdade. Cesta básica a gente recebe porque o governo tá dando. E eles têm lá sua rocinha, sua maneira de viver lá e tá tomando tereré, tá vivendo à sua maneira, do seu jeito, ele tá sendo aquele índio, e a mídia interpreta de outro jeito: que eles não fazem nada, que eles são invasores, que eles são índios que gostam de furtar as casas, pegar roupa dos outros... (Professora Kaiowá)

Sendo assim, até que ponto a imprensa está atenta para os elementos que constituem cada povo, cada etnia: suas particularidades culturais, a história de contato, enfim,

¹⁰ Tereré é uma bebida de origem Guarani, feita com a infusão da erva-mate com água gelada. Pode ser tomada com outras ervas, como o hortelã e o limão. Em Mato Grosso do Sul, a prática foi incorporada à cultura regional e está associada às rodas de conversa entre amigos, por ser consumida normalmente ao final de tarde, onde todos compartilham da mesma bebida, em tempo ocioso.



elementos que marcam suas identidades e que os fazem diferentes? Suas lideranças são ouvidas para compor a narrativa?

Há uma preocupação do Professor e Rezador Terena com o que as representações da imprensa provocam “fora das comunidades”, ou seja, na sociedade não indígena. Dentro da própria comunidade, de acordo com seu depoimento, existem diálogos e debates sobre o que “estão falando da gente”, sobre o conteúdo jornalístico veiculado e seus desdobramentos. Assim, ao contrário de muitas das representações, onde o indígena é visto como um sujeito passivo e incapaz intelectualmente, a declaração do Professor Terena apresenta uma realidade de reflexão, de crítica, de debate coletivo e de atenção àquilo que é veiculado pela imprensa. Eles estão atentos. Tem uma compreensão a respeito do que é dito e do que não é dito, bem como sobre a forma como os assuntos que lhes dizem respeito são abordados. Indignam-se com aquilo que consideram abusos e preocupam-se com as consequências de tais representações entre os não indígenas. Sabem que os discursos (inclusive os jornalísticos) constroem realidades e identidades e que a compreensão que a sociedade não indígena tem dos índios é determinada, entre outros elementos, pela narrativa da imprensa.

Considerações finais

Narrar a diferença no contexto jornalístico não é tarefa fácil. Muitas variáveis compõem uma dinâmica que talvez não facilite o processo. Entretanto, o Outro está aí para questionar a mesmidade, para exigir direitos, com sede de saber, de falar, de manifestar-se, reivindicando espaços. Identidades já não estão mais fixas e determinadas, paralisadas no tempo. Sujeitos reinventam-se e reelaboram suas identidades – múltiplas, descentradas, deslocadas –, restabelecem sua forma de estar no mundo e de participar, intervir, cobrar, contribuir, protestar. Por isso não é demais falar em buscar caminhos, inaugurar novas trilhas, abrir brechas, enxergar fissuras... tudo para construir uma narrativa jornalística que vá além do óbvio, do fato, do informar sem maiores consequências.



A realidade pode ser observada para além da racionalidade dos fatos “indiscutíveis”, onde o Outro é sempre uma ameaça que nos assusta, nos desestabiliza, ou, que serve apenas para folclorizar nossa história. Afinal, os discursos jornalísticos também carregam suas ambivalências e são bem mais complexos do que as categorias do “bem” e do “mal”. Ao mesmo tempo, narrativas jornalísticas também socializam saberes e interferem na construção dos sujeitos. Assim como as identidades, também os textos jornalísticos estão expostos a embates de poder, num terreno incerto, desestabilizado, descentrado, onde a negociação, os avanços e os recuos são permanentes. Daí a importância de se pensar as “identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas” (HALL, 1997, p. 26-27).

Se é possível pensar a contribuição dos meios de comunicação na construção de identidades; se é possível perceber que visões de mundo são reforçadas ou reafirmadas em matérias jornalísticas veiculadas em meios impressos ou eletrônicos, é também necessário questionar outras possibilidades de abordagem e de veiculação da ideia do Outro. A imprensa e o próprio fazer jornalístico, vistos como espaços de fronteira, estão em permanente processo de negociação para a veiculação dos recortes de realidade e, como entrelugares ou fissuras (BHABHA, 1998) podem ser ambientes abertos às possibilidades da criação e da novidade, com novas traduções. Questionar essas representações, tais como são apresentadas na imprensa, já é um primeiro passo para a abertura de novos caminhos. Ampliam-se as oportunidades para novos questionamentos, novas interpretações e atribuição de significados, propondo debates e alternativas outras para a sociedade.

A busca por estabelecer nexos mais complexos, por ampliar as vozes, por circunstanciar e humanizar os discursos deve ser uma constante. Provavelmente, pelo lugar comum de sempre narrar a realidade a partir da mesmidade e do olhar colonizador, o exercício de enxergar o Outro – de deixar-se estranhar pelo Outro, de desconstrução de certezas – será sempre deslizante, escorregadio, que escapa. O caminho pode até significar um passo em direção ao Outro e dois para trás. Mas, na ausência de receitas prontas e de



manuais por onde seguir, o melhor caminho talvez seja esse mesmo: inaugurar e experimentar outros modos de pensar, outros modos de ouvir, outros modos de fazer jornalismo – a partir da perspectiva da diferença.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão do jornalista**. 9ª ed. São Paulo: Summus, 2009.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 119-138.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

IJUIM, Jorge Kanehide. **As diferenças e o diferente: o respeito ao outro como forma de humanizar o jornalismo**. Revista Rastros, Ano XV, Outubro de 2014, p. 9-22.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

MEDINA, Cremilda. Autoria e renovação cultural. In: HERMES, Dirceu. **Mídia, educação e cultura**. Múltiplos olhares sobre a comunicação regional. Chapecó: Argos, 2006, p. 19-27.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.

REPORTAGENS CONSULTADAS

Paulistanos montam loja grátis com roupas usadas para moradores de rua. Folha Online 05/07/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/07/1650282-paulistanos-montam-loja-gratis-com-roupas-usadas-para-moradores-de-rua.shtml>. Acesso em 12/07/2015.



'Polícia não pode ser babá de moradores de rua', diz secretário do RJ. Folha Online 12/05/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1628028-policia-nao-pode-ser-baba-de-menores-e-moradores-de-rua-diz-beltrame.shtml>. Acesso em 12/07/2015.

Sem-teto retirados do prédio de Eike invadem edifício de governo no Rio. Folha Online 24/04/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/04/1620794-sem-teto-retirados-do-predio-de-eike-invadem-edificio-de-governo-no-rio.shtml>. Acesso em 12/07/2015.

Quando ser índio é um bom negócio. Veja Online 10/08/2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/ibge-mapeia-populacao-das-terras-indigenas>. Acesso em 12/07/2015.

Quilombolas ocupam prédio do Incra no RS. Veja Online 05/10/2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/quilombolas-ocupam-predio-do-incra-no-rs>. Acesso em 12/07/2015.

PF tenta conter risco de conflito em área quilombola. Veja Online 16/02/2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/pf-tenta-conter-risco-de-conflito-em-area-quilombola>. Acesso em 12/07/2015.

Depois de conflito com fazendeiros, indígenas deixam propriedade. Correio do Estado Online 25/06/2015. Disponível em: <http://www.correiadoestado.com.br/cidades/depois-de-conflito-com-fazendeiros-indigenas-deixam-fazenda-em/250548/>. Acesso em 12/07/2015.

Justiça afirma ser “impossível” diminuir crimes contra indígenas. Correio do Estado 01/06/2015. Disponível em: <http://www.correiadoestado.com.br/cidades/justica-federal-afirma-ser-impossivel-diminuir-crimes-contra/248433/>. Acesso em: 12/07/2015.

GTRAN retira ciganos acampados em ginásio. Correio do Estado 19/03/2013. Disponível em: <http://www.correiadoestado.com.br/noticias/gtran-retira-ciganos-acampados-em-ginasio/177216/>. Acesso em 12/07/2015.

Rixa entre ciganos acaba em tiros na MS-386. Correio do Estado 15/03/2011. Disponível em: <http://www.correiadoestado.com.br/noticias/rixa-entre-ciganos-acaba-em-tiros-na-ms-386/103119/>. Acesso em 12/07/2015.

Cigana aplica golpe de R\$ 150 em mulher de 61 anos e é presa. Correio do Estado 29/04/2015 Disponível em: <http://www.correiadoestado.com.br/cidades/cigana-e-presao-ao-aplicar-golpe-em-mulher-de-61-anos/245382/>. Acesso em 12/07/2015.

PF flagra desmatamento ilegal praticado por índios e quilombolas. Campo Grande News 02/07/2015 Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/meio-ambiente/pf-flagra-desmatamento-ilegal-praticado-por-indios-e-quilombolas>. Acesso em 12/07/2015



Grupo de sem-terra bloqueia duas rodovias no 8º dia de protesto. Campo Grande News 08/05/2015. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/grupo-de-sem-terra-bloqueia-duas-rodovias-no-8o-dia-de-protesto>. Acesso em 12/07/2015

Em protesto contra PEC, estudantes índios bloqueiam acesso à universidade. Campo Grande News 29/04/2015. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/em-protesto-contra-pec-estudantes-indios-bloqueiam-acesso-a-universidade>. Acesso em 12/07/2015